



CHEGUEI NA PRÁTICA, E AGORA? Um estudo sobre os conhecimentos teóricos e práticos operacionalizados por assistentes sociais residentes do HU/UFSC

CABRAL, Sheylla Beatriz¹

SARMENTO, Hélder Boska de Moraes²

RESUMO: O presente trabalho objetiva a identificação dos conhecimentos teóricos e práticos operacionalizados por assistentes sociais em primeira experiência profissional. Parte-se do pressuposto de que o confronto entre a formação e a prática vivenciada pelos profissionais em primeira experiência profissional nos permite visualizar e analisar a materialização dos conteúdos apreendidos durante a formação em Serviço Social, além de possibilitar a identificação de como são construídos os conhecimentos para a operacionalização da prática. A pesquisa se caracteriza como qualitativa, teve como técnica de coleta de dados a revisão de literatura, o formulário *online* e o grupo focal no formato remoto. Os sujeitos da pesquisa foram os/as assistentes sociais em primeira experiência profissional, inseridos no Programa de Residência Integrada Multiprofissional em Saúde do Hospital Universitário da Universidade Federal de Santa Catarina (RIMS/HU-UFSC). A análise dos dados esteve fundamentada pela utilização do método crítico-dialético, pautando-se em autores clássicos marxistas e autores do campo da operatividade em Serviço Social e Saúde, como Yolanda Guerra, Rosa Lucia Prêdes Trindade, Hélder Boska de Moraes Sarmiento, Claudia Monica dos Santos, Ana Maria de Vasconcelos, Regina Célia Tamaso Miotto, Telma Cristiane Sasso de Lima, entre outros. Em síntese, coloca-se enquanto horizonte para a presente pesquisa a construção de respostas profissionais fortalecidas pelo conhecimento à luz de um referencial teórico-metodológico, que subsidie a construção de respostas interventivas de caráter crítico, político e analítico. Dessa forma, entende-se que é necessário superar o discurso sobre “o que não fazer” como assistente social e construir mediações teórico-práticas que respondam sobre a operatividade e seus componentes.

PALAVRAS-CHAVE: serviço social; formação e exercício profissional; conhecimentos teóricos e práticos.

INTRODUÇÃO

No seu trabalho cotidiano, o/a assistente social lida com situações singulares vividas por sujeitos/as e suas famílias, grupos e segmentos populacionais, que são atravessadas por determinações coletivas (IAMAMOTO, 2018, p. 82). As novas formas de acumulação, a

¹ Mestre em Serviço Social pelo Programa de Pós-graduação em Serviço Social (PPGSS/UFSC). Email: sheyllabeatriz1@gmail.com.

² Professor associado III da Universidade Federal de Santa Catarina. Email: helder.boska@ufsc.br.

flexibilização dos mercados, das relações de trabalho e dos direitos são a expressão emblemática da ampla e profunda transformação estrutural do trabalho, com impactos na materialidade e subjetividade da classe trabalhadora, que experimenta a perda de direitos e a insegurança do presente e do futuro. O trabalho do/a assistente social integra essa dinâmica racionalizadora, a partir do processo de generalização das relações de compra e venda da força de trabalho para todas as esferas da produção e da reprodução social (RAICHELIS, 2018).

Nesse contexto, conforme Iamamoto (2018), enquanto assistentes sociais, somos desafiados a desentranhar da vida dos sujeitos singulares os fios que integram o singular no coletivo, como condição de transitar suas necessidades sociais da esfera privada para a luta por direitos na cena pública. Isso requer do/a profissional: competência teórico metodológica para ler a realidade e conhecimento do modo de vida, de trabalho e expressões culturais dos sujeitos sociais, além de sensibilidade e vontade políticas que movem a ação.

Claudia Mônica dos Santos (2006), em sua tese de doutoramento, define que, seguir modelos não é a solução para uma intervenção adequada a um referencial crítico, mas também supor que somente por meio do conhecimento da realidade poderemos inferir imediatamente o “modo” de trabalhar é bastante problemático. A realidade indica os instrumentos e técnicas não de forma mecânica, imediata. É necessário que se apreendam as mediações nessa passagem. Portanto, é fundamental pesquisarmos como as ações profissionais dos/as assistentes sociais estão sendo construídas na realidade social, que conhecimentos são mobilizados para a sua operacionalização, para que o “como fazer” não seja entendido como um manual de instruções rígidos e imutável a ser buscado.

Quando discutimos a formação e a intervenção do Serviço Social, referimo-nos ao movimento que deve ser estabelecido entre a realidade e a perspectiva teórica e política da profissão. Estamos falando da necessária relação entre o pensar e a ação, entre a análise e a intervenção. No entanto, o movimento entre teoria e prática não se dá imediatamente, seja no sentido temporal seja em referência aos nexos fundamentais que se põe nesse processo (GUERRA, 2000). Segundo Santos (2006), a passagem da teoria à prática necessita das definições dos fins, que envolve um plano ético e político, e da escolha dos meios, que envolve, também, um processo de valoração e um encaminhamento técnico-operativo.

Nesse contexto, permanece algumas questões: Quais conhecimentos devem ser mobilizados para a construção da unidade teórico-prática? Como construir uma prática profissional na perspectiva crítica? Como dar conta das estratégias, meios e instrumentos sem perder de vista a intencionalidade da ação profissional?

Assim, a preocupação dos pesquisadores se encontra em um lugar específico no campo do Serviço Social: o do exercício profissional do/a assistente social e, principalmente, nas conexões exercidas entre os conhecimentos teóricos e práticos. A partir das reflexões

construídas, foi-nos possível a aproximação com o objeto de estudo, definindo enquanto objetivo geral o de “identificar os conhecimentos teóricos e práticos operacionalizados por assistentes sociais em primeira experiência profissional no âmbito do programa de RIMS/HU/UFSC.

A intenção de identificar os conhecimentos teóricos e práticos operacionalizados por profissionais recém-chegados na prática, permite-nos visualizar e analisar a materialização dos conteúdos apreendidos durante a formação, além de identificar como são desenvolvidos os conhecimentos sobre as dimensões que compõem o seu trabalho. Portanto, torna-se necessário questionar o(s) tipo(s) de conhecimento(s) que os/as assistentes sociais têm conseguido construir em seu trabalho profissional no século XXI. Além desse questionamento, cabe uma defesa: não basta construir conhecimentos qualificados, se despolitizados ou politizados à direita (IAMAMOTO, 2014).

Afere-se que o modo como o/a assistente social compreende as dimensões constitutivas da profissão interferem na construção das suas ações, e, de forma particular, no movimento teórico-prático que se estabelece. As informações e dados produzidos e analisados no contexto do trabalho profissional precisam contribuir para fazer política em defesa das classes subalternas, no sentido, apontado por Yazbek (2014), de modificar e construir outros lugares de poder, através de resistências e de alianças estratégicas por dentro dos espaços institucionais e, particularmente, no contexto das lutas sociais.

Dessa forma, entende-se que é necessário superar o discurso sobre “o que não fazer” como assistente social e construir mediações teórico-práticas que respondam sobre a operatividade e seus componentes. Portanto, coloca-se enquanto horizonte para a presente pesquisa a construção de respostas profissionais fortalecidas pelo conhecimento à luz de um referencial teórico-metodológico, que subsidie a construção de respostas interventivas de caráter crítico, político e analítico.

1. REPERCUSSÕES DA PRIMEIRA EXPERIÊNCIA PROFISSIONAL COMO ASSISTENTE SOCIAL

Dissertar sobre a experiência, em sua forma e conceito, é compreender que esta carrega um saber que lhe é próprio, como nos diz Bondía (2002), a experiência é em primeiro lugar um encontro ou uma relação com algo que se experimenta e que se prova. Ao buscar a conceituação sobre a terminologia “experiência”, o autor a define como aquilo que nos passa, que nos toca ou que nos acontece, e ao nos passar nos forma e nos transforma.

Parte-se do pressuposto de que na experimentação da RIMS, o/a residente já não é o mesmo profissional que entrou como egresso de um curso superior, ele/a é transformado/a na e pela experiência de formação e exercício profissional. Dessa forma, entende-se que no

âmbito da experimentação do programa, as vivências práticas e teóricas das 5.760 horas carregam histórias e um saber que lhe é próprio e particular. Por acreditar no caráter transformador do programa e por entender que os/as sujeitos que constroem esse espaço também constroem um saber, debruçamo-nos neste universo de conhecimentos teóricos e práticos expressos pelos seus sujeitos/as.

Para Bondía (2002), o saber da experiência é um saber particular, subjetivo, relativo, contingente, pessoal. Se a experiência não é o que acontece, mas o que nos acontece, duas pessoas, ainda que enfrentem o mesmo acontecimento, não fazem a mesma experiência. O acontecimento é comum, mas a experiência é para cada qual sua, singular e, de alguma maneira, impossível de ser repetida. Nesta acepção, os dados que serão apresentados trazem consigo sentidos únicos, expressos por sujeitos que realizam o processo de residência de forma conjunta, mas com vivências particulares. Tal fato não será desconsiderado na nossa análise, pelo contrário, evidenciaremos o seu caráter único e os seus sentidos em comum nas respostas dos/as residentes. Corroboramos com Gomes (2012), que define que ao analisar e interpretar as informações geradas por uma pesquisa qualitativa, devemos caminhar tanto na direção do que é homogêneo quanto no que se diferencia dentro de uma mesma experiência social.

Como forma de conhecer esses sentidos para os/as profissionais na primeira experiência como assistentes sociais, foi apresentada a seguinte questão: “cheguei na prática, e agora?”. De forma a orientar os/as participantes da pesquisa, solicitamos a eleição de palavras-chave para expressar tais sentidos, sendo que essa questão foi respondida em dois formatos, através de formulário *online* e a partir do grupo focal. A aplicação de tal procedimento teve como intencionalidade o de perceber, de maneira espontânea, as principais características que os/as respondentes possuíam em relação ao exercício profissional em relação a primeira experiência profissional.

A atividade de considerar palavras, eleger palavras, cuidar das palavras, não são atividades ocas ou vazias, não são mero palavrório, como nos apresenta Bondía (2002). Portanto, a atividade proposta para os residentes de eleger palavras-chave para representar a sua experiência, parte do pressuposto de que o uso destas está intimamente relacionado ao modo como damos sentido as coisas e de como nos colocamos diante de nós mesmos e diante da nossa experiência.

Conforme Bondía (2002), é a partir das palavras que damos sentido ao que somos e ao que nos acontece, de como correlacionamos as palavras e as coisas, de como nomeamos o que vemos ou o que sentimos e de como vemos ou sentimos o que nomeamos, tal reflexão pode se visualizada na citação a seguir:

Eu creio no poder das palavras, na força das palavras, creio que fazemos coisas com as palavras e, também, que as palavras fazem coisas conosco. As palavras

determinam nosso pensamento porque não pensamos com pensamentos, mas com palavras, não pensamos a partir de uma suposta genialidade ou inteligência, mas a partir de nossas palavras. E pensar não é somente “raciocinar” ou “calcular” ou “argumentar”, como nos tem sido ensinado algumas vezes, mas é sobretudo dar sentido ao que somos e ao que nos acontece. E isto, o sentido ou o sem-sentido, é algo que tem a ver com as palavras. E, portanto, também tem a ver com as palavras o modo como nos colocamos diante de nós mesmos, diante dos outros e diante do mundo em que vivemos (BONDÍA, 2002, p. 21).

De tal assertiva, apreende-se que o uso das palavras tem grande valor, são importantes mecanismos de subjetivação, sendo que são a partir delas que nos relacionamos e nos posicionamos no mundo e perante os outros. Com base nessa compreensão, abordaremos no próximo item o conjunto de palavras expressas pelos/as residentes para dar sentido à primeira experiência como assistente social.

1.1 A palavra como construção de sentido

Na tabela a seguir podemos visualizar a atividade de eleição das palavras-chave apresentadas pelos residentes nos dois formatos da coleta de dados – formulário *online* e grupo focal, bem como, apresenta-se a sua incidência, concernente ao número de pessoas respondentes.

Quadro 1 - Palavras-chave e incidência da questão, “cheguei na prática, e agora?”.

Formulário:

Grupo focal:	Palavras-chave:	Ansiedade	Insegurança	Medo	Feliz/Alegre
	Incidência:	4	3	2	3
	Palavras-chave:	Ansiedade	Insegurança	Medo	Curiosidade
	Incidência:	0	3	5	5

Fonte: Elaborado pelos autores (2022).

Das palavras eleitas pelos/as sujeitos/as da pesquisa, evidencia-se que há a prevalência de palavras que sugerem uma certa apreensão/preocupação com o chegar na prática profissional como assistentes sociais. Ao relacionarmos os dados do formulário com os dados do grupo focal, conseguimos identificar que os sentidos expressos estão conectados a uma gama de fatores, que ora se relacionam com a própria subjetividade dos/as residentes, ora, trazem-nos aspectos relacionados com a formação em Serviço Social – como poderemos ver adiante. Nesta direção, apreende-se que os dados elencados na tabela ganham riqueza ao serem relacionados com as falas dos profissionais declaradas no grupo focal.

À primeira vista, foi possível identificar que os/as assistentes sociais apreendem que a primeira experiência profissional pode trazer um combinado de sentidos e emoções, desde o receio de chegar na prática até o sentimento de construção de uma segurança no

desenvolvimento do exercício profissional. Com base na amostra, evidencia-se o predomínio de profissionais que estão saindo da graduação com medo da prática, vendo-a como algo assustador, que pode gerar apreensão e inseguranças – essa assertiva pode ser visualizada na fala da participante 06 da pesquisa:

A questão da prática para mim ela já vem muito antes. Na graduação eu já tinha medo da prática, porque na própria graduação eu era muito ligada a área acadêmica – eu escrevia muitos artigos, ia para muitos eventos científicos. Eu queria muito fazer o mestrado e o doutorado para poder atuar na universidade. Eu tinha uma autoestima elevada nesse sentido, me sentia boa no que eu fazia como pesquisadora. Ao contrário da prática, que eu sempre achei que não. Pensava que se eu fosse para a prática ia ser horrível, que iria ser uma péssima profissional e que meu negócio era na academia. Enfim, tinha muita insegurança de não saber colocar em prática tudo aquilo que eu teorizava na graduação. Sempre fui uma aluna boa e dedicada na graduação, mas não conseguia materializar todo o conhecimento.

Como exposto, a participante 06 cita o medo e a insegurança do exercício da prática, por mais que fosse boa aluna no âmbito acadêmico, com acesso à produção científica e participação em eventos, refletir sobre a realidade à medida que está atuando trouxe insegurança. Observa-se que o medo referido pela participante é da prática e, mesmo indicando que buscava a teoria, seu sentimento era de insegurança. Porém, analisa-se que ela/e não abdica da teoria, pois a dificuldade e preocupação era de não conseguir colocar em prática tudo o que teorizava.

Ainda, analisa-se que há um distanciamento na concepção da participante 06 sobre a relação teoria e prática, porém, fruto da inexperiência, do novo e desafiador cenário que se apresentou na intervenção profissional. Nesta direção, identifica-se que, para a participante, o momento da prática e da teoria podem ser diversos, como se “na prática, a teoria fosse outra”. No entanto, Santos (2006) já nos mostrou que essa não é uma afirmativa verdadeira, uma vez que a teoria não passa de imediato à prática. Isto é, a teoria não se encaixa na prática.

É uma armadilha falaciosa discursar que a prática não tem nada a ver com a teoria: a formação tem a enorme tarefa de aportar aos alunos/as conhecimentos teóricos, metodológicos, éticos e políticos capazes de desarmar as armadilhas do militantismo, do teorismo e do tecnicismo (IAMAMOTO, 1998 apud OLIVEIRA, 2018, p 291).

O que pode também estar relacionado com a diferenciação entre o momento teórico e o momento prático, evidenciado pela participante 06, refere-se a uma compreensão equivocada do que seja a prática e do que seja a teoria. A autora Santos (2006), alertou-nos sobre esse movimento da categoria profissional na sua tese de doutoramento, a qual a palavra prática é utilizada como sinônimo de mercado de trabalho ou instituições empregadoras e a palavra teoria como sinônimo de formação profissional ou de conhecimentos. Trata-se, porém, de categorias diferenciadas. A autora ressalta que tal fato resulta de um problema entre a

realidade da formação e a realidade do mercado de trabalho e isto, nos induz um modo de pensar que separa o que é unidade.

A formação competente é aquela que conhece o mercado de trabalho, mas que não se limita a ele. É nessa direção que caminham as novas diretrizes curriculares. A formação profissional deve oferecer um conjunto de referências aos alunos que incorporem o conhecimento das exigências postas, mas que seja mais vasto ao que ele instrumentaliza, de imediato, na sua intervenção profissional, antecipando demandas. Daí a importância de pesquisas que se voltem para o exercício profissional e para as requisições do mercado (SANTOS, 2006, 230).

Com base nas considerações de Santos (2006), a preocupação apresentada pela participante 06 pode expressar a sensação de que os conhecimentos obtidos na formação podem não ser suficientes para responder as requisições feitas pelo mercado de trabalho – a participante ressaltou o medo de não conseguir materializar os conhecimentos apreendidos na formação. Para tanto, sustentamos a ideia de que a formação não pode e nem deve responder, exclusivamente, ao mercado, uma vez que as necessidades postas pelo mercado são dinâmicas, mudam constantemente.

Nesta fala, também aparece um sentido forte de não conseguir realizar seu projeto, suas referências, o receio de não materializar o que aprendeu. Portanto, há um reconhecimento da aprendizagem, de um projeto que contém fundamentos. Agora, como diz a autora Santos, quando indicada acima “a teoria não passa de imediato à prática”, é preciso construção e reconstrução permanente, para sua realização integral, até para evitar “encaixes”, porque esta relação não é assim, é dinâmica.

De outra maneira, dentre os dez participantes do grupo focal, o que prevalece nas suas falas sobre a primeira experiência profissional é o combinado de inseguranças, medos, curiosidade e vontade de aprender no âmbito do trabalho na residência. Reflete-se que esse último sentido, o desejo de aprender, não deve ser entendido como negação da teoria, pelo contrário, é um desejo de querer mais, um impulso consciente para realizar algo. Para compreender a riqueza desta assertiva, evidenciamos a fala de duas profissionais que expressam os seus sentidos da questão, “cheguei na prática, e agora?”:

Da primeira pergunta eu coloquei insegurança, ansiedade e desejo de aprender. São esses sentimentos bastante misturados no início. A residência foi a minha primeira experiência profissional. Tinha receio dessa responsabilidade, se eu iria dar conta de tudo ou não (Participante 07).

Quando cheguei na prática foi muito louco porque eu senti medo, insegurança, impotência e, pra não falar só de coisas ruins, mas eu também senti que era um misto porque eu tinha muita vontade de aprender, ficava atenta a tudo e tinha uma certa insistência. Assustou no início, mas, ao mesmo tempo, eu sabia que estava acompanhada. Então é uma experiência profissional que a gente sabe que está amparada com alguém. Fui construindo essa segurança aos poucos. Eu sabia que não estava sozinha, em questão de dúvida, por exemplo, eu poderia acionar uma preceptora (Participante 04).

É preciso situar que a primeira experiência do/a assistente social residente possui uma característica particular: ela se realiza a partir de momentos teóricos supervisionados por tutores/as e professores/as. Isto é, no âmbito da residência é propiciado momentos teóricos e práticos supervisionados para pensar e construir as ações profissionais, podendo ser estabelecidas relações importantes entre o arsenal técnico, teórico e prático. Nesta direção, conforme estabelece o PPP do curso de pós-graduação em residência, o programa cumpre o intuito de articular o mundo do trabalho e da educação, criando mais um espaço de consolidação de saberes e práticas (Normativa nº 5 CNRMS/2014).

Como a participante 04 nos mostra, em questão de dúvidas sobre alguma situação atendida, por exemplo, pode-se acionar uma gama de profissionais que poderão auxiliar no desenvolvimento do trabalho – o que diferencia radicalmente a primeira experiência profissional no programa de residência de qualquer outro espaço de atuação. Afere-se que a dúvida é muito importante para a construção do conhecimento, pois ela alimenta, instiga, mobiliza o/a profissional a querer mais e, a presença do preceptor e colegas de trabalho, alimenta este desafio de não estar sozinho nos campos de trabalho. Aqui, conseguimos identificar um importante tipo de conhecimento: o conhecimento coletivo e seu papel na construção da relação teoria e prática.

Essa característica do programa de residência também é evidenciada pela participante 07, que nos fala sobre o receio de se formar e de ser alocada em um serviço com quem não pudesse dialogar sobre o seu exercício profissional, a seguir: “quando eu me formei, eu ficava com muito receio de, sei lá, de ir para um CRAS³ sozinha e não ter outra assistente social com quem eu pudesse trocar ou tirar dúvidas e ter esse processo que a gente tem na residência”. Ainda, talvez por já conhecer a dinâmica de um CRAS, a participante 07 percebeu que não há devido as demandas, momentos conjuntos de reflexão nesse espaço de trabalho. A partir dessa reflexão, identifica-se que existe uma preocupação dos/as profissionais em construir as suas ações com base em reflexões teóricas e práticas, sendo que a RIMS é um importante espaço para tal construção e, portanto, para a construção de um conhecimento coletivo.

1.2 O espaço de atuação como construção teórica e prática

Como exposto, evidencia-se que nosso olhar da pesquisa é bastante particular, olhamos por uma lente em que os/as profissionais chegam na prática profissional com suporte técnico e pessoal especializado. Essa característica é apontada pelos residentes em suas falas ao relacionarem os sentidos de chegar na prática profissional com o espaço de atuação. Como poderemos analisar, os/as sujeitos/as respondentes da pesquisa veem o programa

³ Centro de Referência de Assistência Social (CRAS).

como um importante espaço para ingressar no mercado de trabalho, experienciar o exercício profissional e dar continuidade a formação profissional.

Eu visualizava a residência, visualizo ainda, como um espaço de atuação muito importante para gente. Para gente poder ter experiência prática, de continuar estudando. Para mim é algo que fazia muito sentido e ainda faz – enquanto uma pessoa que acabou de sair da graduação. A residência foi algo que eu estava almejando muito (participante 02).

Eu escrevi aqui as minhas palavras que foram, primeiro, empolgada. E depois um pouco amedrontada. Não sei se a Sheylla lembra, mas ela fez uma fala, ela e a Manuela, na minha turma para falar um pouco sobre a residência. Foi naquele momento que eu decidi que eu realmente queria tentar o processo. Eu estava com muitas expectativas porque eu sabia que essa poderia ser uma oportunidade “mais fácil” de ser uma primeira experiência profissional. E eu estaria ganhando relativamente bem para continuar aprendendo e me aprofundando enquanto assistente social. Eu me senti muito realizada por ter conseguido, só que com muito medo também (Participante 08).

As duas falas indicam o esforço e a interação clara de buscar, desde a graduação, querer aprender com qualidade e, o espaço da residência demonstra a relevância da formação continuada, do suporte profissional e técnico para a formação profissional. Ainda, evidencia-se a partir da fala da participante 07 a importância de trazer os espaços de atuação, bem como a experiência de profissionais para âmbito da universidade, para as salas de aula, por exemplo. O intercâmbio de experiências e conhecimentos na formação é fundamental, na situação apresentada pela participante da pesquisa, por exemplo, abriu-se mais uma possibilidade de espaço de atuação para os/as estudantes.

Indica-se ainda que a integração da academia com os cenários de trabalho pode trazer contribuições importantes, configurando-se em mais um espaço para apreender o movimento indissociável entre teoria e prática através da realidade de trabalho vivenciada por assistentes sociais. Portanto, entende-se que a unidade entre teoria e prática deve ser trabalhada na formação, uma vez que a profissão tem de se forjar teórica e politicamente; ética e metodologicamente, o tempo todo. Para Oliveira (2018), o/a estudante necessita apreender a teoria para compreender e interpretar as tensões, contradições e sofrimentos que chegam ao seu conhecimento no exercício da profissão. Consideramos que a troca entre assistentes sociais e discentes pode ser um elemento estratégico para construir a unidade teórico-prática na formação em Serviço Social.

Nesta direção, a formação profissional em Serviço Social assume um lugar estratégico e, segundo Ortiz (2019), não é por acaso que todos os sujeitos profissionais – individuais e coletivos – devem atentar para a garantia de sua qualidade, conforme indicado pelas Diretrizes Curriculares da ABEPSS (1996). Nesta, estão dispostos princípios gerais que norteiam as propostas pedagógicas de formação profissional no conjunto dos cursos de graduação na área do Serviço Social, evidenciando que tal proposta não restringe o processo de ensino-aprendizagem apenas a atividades em sala de aula. Dessa forma, ultrapassar os

muros da universidade, integrar os conhecimentos e experiências entre profissionais formados com discentes, faz-se importante, uma vez que fortalece esses espaços para a qualificação profissional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Desde a criação da presente pesquisa, o horizonte era a construção de um conhecimento que pudesse responder sobre a operacionalização das ações profissionais. O que estava muito claro para os pesquisadores, desde a proposição da presente pesquisa, era a ideia de contribuir com o campo operativo, de revolucionar e de auxiliar os/as colegas da profissão a construírem o seu exercício de uma forma crítica, criativa e reflexiva. No entanto, para revolucionar uma prática profissional é preciso construção. Afinal, se entender o que já existe não é fácil, imagine só a missão colossal que é compreender a situação para melhorá-la. Isso exige bastante de nós, como nos indica Fernandes (2021).

No desenvolvimento da pesquisa, apreendemos que não se trata de seguir passos de um a dez, não acreditamos em manuais para o exercício do/a assistente social, pois a realidade é dinâmica, requer o desenvolvimento da capacidade de compreendê-la politicamente, sem precisar de guias ou gurus. Acreditamos, ainda, que estamos trilhando um caminho importante para a construção das ações profissionais do/a assistente social, buscando um farol que ilumina trajetos, mas não substitui os pés a caminhar.

Por fim, conclui-se que, precisamos, ao longo da formação profissional e exercício profissional, construir estratégias de aproximação do conhecimento e da realidade, desconfiando, questionando, refletindo e problematizando. Todavia, o que se propõe é justamente a produção de um conhecimento que rompa com a mera aparência e busque apreender o que está “por trás” dela, sua essência. Para isso, é fundamental que o/a profissional sempre mantenha uma postura crítica, questionadora, não se contentando com o que aparece a ele imediatamente. Ao fim, todas essas ações precisam se costurar em uma prática transformadora.

REFERÊNCIAS

- ABEPSS. Lei de Diretrizes Curriculares. **Diretrizes gerais para o curso de Serviço Social**. Com base no Currículo Mínimo aprovado em Assembleia Geral Extraordinária de 8 de novembro de 1996. Rio de Janeiro, novembro de 1996.
- BONDÍA, J. L. **Notas sobre a experiência e o saber de experiência**. Ver. Bras. Educ. (19) • Abr 2002. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/Ycc5QDzZKcYVspCNspZVDxC/abstract/?lang=pt>>. Acesso em 12 de outubro de 2021.
- FERNANDES, S. **Se quiser mudar o mundo: Um guia político para quem se importa**. São Paulo: Planeta, 2020. 192p.
- GUERRA, Y. **A instrumentalidade no trabalho do assistente social**. CFESS/ABEPSS-UNB, 2000.
- IAMAMOTO, M. V. Serviço Social, “questão social” e trabalho em tempo de capital fetiche. RAICHELIS, R.; ALBUQUERQUE, V.; VICENTE, D. (ORGS). **A Nova Morfologia do Trabalho no Serviço Social**. São Paulo, Cortez, 2018.
- _____. **A formação acadêmico-profissional no Serviço Social brasileiro**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 120, p. 609-639, out./dez. 2014. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/sssoc/n120/02.pdf>>. Acesso em 10 de fevereiro de 2020.
- OLIVEIRA, I. S. M. C. **Trabalho e formação profissional no Serviço Social: inquietações de uma professora de graduação**. In: A nova morfologia do trabalho no Serviço Social. Raquel Raichelis, Damares Vicente, Valéria Albuquerque (Orgs.). São Paulo: Cortez, 2018.
- ORTIZ, F. G. **Formação profissional e Serviço Social: uma análise sobre as Diretrizes Curriculares, seus impasses e desafios**. In: Temas contemporâneos em Serviço Social: uma análise de seus fundamentos / organizado por Yolanda Guerra, Janete Luiza Leite e Fátima Grave Ortiz. Campinas: Papel Social, 2019. 272 p.
- RAICHELIS, R.; ALBUQUERQUE, V.; VICENTE, D. (ORGS). **A Nova Morfologia do Trabalho no Serviço Social**. São Paulo, Cortez, 2017.
- SANTOS, C. M. **Os instrumentos e técnicas: mitos e dilemas na formação profissional do assistente social no Brasil**. – Rio de Janeiro: UFRJ, 2006
- YAZBEK, M. C. **A dimensão política do trabalho do assistente social**. Serv. Soc. Soc., São Paulo, n. 120, p. 677-693, out./dez. 2014. Disponível em:<<https://www.scielo.br/j/sssoc/a/4RNYGqckdySpPrJ6cTmsBSQ/?lang=pt&format=pdf>>. Acesso em 12 de outubro de 2021.